

Wikipédia e as biografias de pessoas LGBTQIAP+

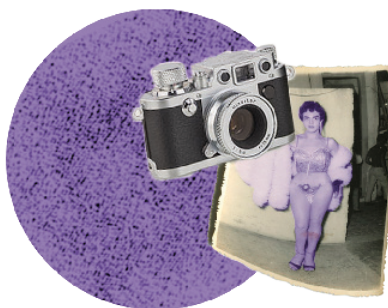
Reflexões e ferramentas para escrever
sobre pessoas **trans, travestis e LGBTQIAP+**
na enciclopédia livre



Wikipédia e as biografias de pessoas LGBTQIAP+

Reflexões e ferramentas para escrever sobre pessoas trans, travestis e LGBTQIAP+ na enciclopédia livre

Com a colaboração de Victoria Stéfano¹



[1] Victoria Stéfano é ativista travesti, militante territorial e uma das organizadoras da Marcha do Orgulho em Santa Fé, Argentina, desde 2016. Além disso, é comunicadora, jornalista e apresentadora. Foi incentivadora do decreto da Cota Trabalhista Trans na cidade de Santa Fé e da Lei da Cota Trabalhista Trans na província. Desde 2019 escreve para o site transfeminista Periódicas e foi a primeira apresentadora trans na televisão da Província de Santa Fé.

Wikipédia e as biografias de pessoas LGBTQIAP+

Programa de Cooperação e Inclusão Wikimedia Argentina: Vic Sfriso

Colaboradora: [Victoria Stéfano](#)

Redação e edição: [Vic Sfriso](#)

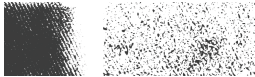
Projeto gráfico e diagramação: [Gisela Curioni](#)

Nota sobre a palavra travesti: [An Millet](#)

Tradução do espanhol e informações da lusofonia: [Danielly Campos Dias](#)

Revisão de português: [Flávia Florentino Varella](#)

Diagramação da versão traduzida: [Bruna Vitória Grando](#) e [João Paulo Mota](#)



Florianópolis, outubro de 2023.

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

Índice

Introdução	5
Escrever sobre pessoas LGBTQIAP+ na enciclopédia livre	7
Fontes de informação e referências sobre pessoas LGBTQIAP+	12
As referências e a verificabilidade da informação	12
Algumas possíveis fontes de informação	13
Dificuldades de acesso a fontes de informação sobre pessoas LGBTQIAP+	22
Oralidade e poucos registros gráficos	23
Pouco ou nenhum registo fotográfico ou audiovisual	24
Registos fotográficos ou audiovisuais sensíveis de pessoas trans e travestis	25
Biografias de pessoas LGBTQIAP+: ferramentas e habilidades de escrita	26
Identidade de gênero e orientação sexo-afetiva	27
Algumas reflexões em torno das orientações sexuais e identidades gays e lésbicas	30
O nome e o respeito à identidade autopercebida	33
Os pronomes	35

A criminalização e espetacularização das pessoas LGBTQIAP+	38
Conclusão	40
Sobre a palavra “travesti”: algumas considerações sobre a trajetória da identidade travesti na Argentina e na América Latina	41
Bibliografia	44
Imagens	46



Introdução

A Wikipédia é uma enciclopédia livre, multilíngue e colaborativa. É um projeto no qual pessoas do mundo todo contribuem com tempo e conhecimento para **construir uma enciclopédia online gratuita**. Escrita de forma colaborativa por uma comunidade de voluntários e voluntárias, a Wikipédia é um reflexo da sociedade. Enquanto uma enciclopédia, ela é uma fonte terciária que reúne conteúdo publicado sobre determinados temas, oferecendo uma síntese em linguagem acessível a todos os tipos de leitores e leitoras.

Nesse sentido, a Wikipédia também é atravessada pela forma como a sociedade constrói o conhecimento e pelos processos históricos dessa construção. Então, quando se afirma que há uma invisibilidade da experiência das pessoas LGBTQIAP+ na história, o mesmo vale para a Wikipédia. Existem muitas lacunas de informação na enciclopédia e, uma delas, é a ausência de informação sobre os conceitos, a história e as biografias de pessoas relevantes da comunidade LGBTQIAP+. De fato, na Wikipédia em português, em 2021, havia menos de 1% de biografias categorizadas como pessoas que não são nem homens nem mulheres cis.² Estes números são muito parecidos em diversas outras edições da Wikipédia, como por exemplo, na versão em espanhol.

Este guia oferece uma síntese dos debates que envolveram ativistas LGBTQIAP+ e wikipedistas na Argentina durante um ciclo de oficinas sobre a escrita de biografias de pessoas trans e travestis na enciclopédia livre. Após esses encontros, decidimos criar este material para compartilhar reflexões e estratégias, e também para ampliar o foco para outras identidades da comunidade LGBTQIAP+, embora o enfoque principal permaneça nas identidades trans e travestis.

As lacunas não são fáceis de fechar, porque para escrever na Wikipédia é necessário ter fontes fiáveis publicadas. E se a imprensa, a academia e as instituições não constroem conhecimento sobre a comunidade LGBTQIAP+, também não é possível fazer isso na Wikipédia. Ou seja, não tem como construir uma memória quando não se tem fontes. No entanto, à medida que a comunidade LGBTQIAP+ ganha visibilidade e

[2] A palavra cis é uma abreviação de cisgênero. Define as pessoas cuja identidade de gênero (por exemplo, homem) corresponde àquela atribuída no nascimento.

presença na agenda pública, ela também passa a estar presente nos espaços de construção do conhecimento. É um círculo que se retroalimenta. Por isso que, aos poucos, surgem mais fontes para que se possa escrever na Wikipédia sobre a história da comunidade LGBTQIAP+, seus conceitos e as vidas que fizeram essa história. Neste material, o foco principal recai em algumas questões importantes ao escrever sobre a vida das pessoas LGBTQIAP+, a partir da perspectiva dos direitos humanos.

Não obstante, à medida que a comunidade LGBTQIAP+ ganha visibilidade e presença na agenda pública, também o faz nos domínios de construção de conhecimento. Trata-se de uma rede que se retroalimenta. É por isso que, progressivamente, contamos com mais fontes para escrever sobre a história da comunidade LGBTQIAP+, seus conceitos e as vidas que moldaram essa história na Wikipédia. Neste material, vamos nos concentrar principalmente nas biografias de pessoas trans e travestis. Abordaremos algumas questões significativas ao escrever sobre as vidas de pessoas trans, a partir de uma perspectiva de Direitos Humanos.



Escrever sobre pessoas LGBTQIAP+ na enciclopédia livre

A comunidade wikimedista, que escreve a Wikipédia e colabora com os projetos irmãos da enciclopédia, está organizada em torno de um conjunto de acordos. Os acordos consensuais entre a comunidade estão reunidos nos [cinco pilares](#), que definem a natureza da enciclopédia. O primeiro dos cinco pilares é:



A Wikipédia é uma enciclopédia de amplo [escopo](#) que compreende elementos de [enciclopédias](#) generalistas, de enciclopédias especializadas e de [almanaques](#). **A Wikipédia não é** um repositório de informação indiscriminada. A Wikipédia não é um dicionário, não é uma página onde se coloca o currículo, um fórum de discussão, um diretório de ligações ou uma experiência política. A Wikipédia não é local apropriado para inserir opiniões, teorias ou experiências pessoais. Todos os editores da Wikipédia devem seguir as políticas que [não permitem a pesquisa inédita](#) e procurar ser o mais [rigorosos](#) possível nas informações que inserem.

O primeiro pilar da Wikipédia estabelece que o objetivo do projeto é construir uma enciclopédia. Embora pareça evidente que todos saibam o que é uma enciclopédia, não é tão fácil assim definir o que pode fazer parte de uma enciclopédia e o que não pode. **Quais são os critérios adotados pela comunidade wikipe-dista para selecionar que pessoas, eventos, lugares ou conceitos merecem ter um artigo enciclopédico?**

Entre os **critérios elaborados para selecionar o conteúdo enciclopédico** aparece o **conceito de relevância**. Por exemplo, para uma pessoa ter uma biografia na Wikipédia, ela precisa ter algum tipo de relevância, fama ou notoriedade. Mas como definir a relevância? O que é relevante e para quem é relevante? Quem decide o que é ou quem é relevante? Essas perguntas, embora pareçam simples, ocasionam uma gama variada de efeitos quando o objetivo é reduzir lacunas, vieses e desigualdades na enciclopédia.

Uma forma adotada consensualmente pela comunidade para definir a relevância em termos práticos é a utilização de determinadas fontes externas: que já exista informação sobre a pessoa biografada publicada em fontes confiáveis. Mas isso não é tudo. Existe um conjunto de **critérios para estabelecer se um tema é relevante** e merece ser incluído na enciclopédia livre.



Crítério geral de notoriedade

Um tópicu é presumido como notável se recebeu cobertura significativa de [fontes reputadas](#) e [independentes](#) do assunto tratado.

- «*Presumido como notável*»: a existência de cobertura substantiva em [fontes secundárias](#) independentes é critério de presunção de notoriedade, embora não seja garantia da mesma. A presunção de notoriedade não implica a aceitação da inclusão do tema na Wikipédia, quando este viola qualquer outra das políticas oficiais, como por exemplo [O que a Wikipédia não é](#), [Wikipédia:Nada de pesquisa inédita](#), [Wikipédia:Verificabilidade](#), [Wikipédia:Livro de estilo/Cite as fontes](#) ou [Wikipédia:Princípio da imparcialidade](#). A existência de fontes em quantidade suficiente é ainda, normalmente, condição necessária para que seja possível escrever um artigo que não seja apenas um [esboço](#).
- «*Cobertura significativa*»: as [fontes](#) citadas cobrem o tema do artigo diretamente e com detalhe, e que não é necessária [pesquisa inédita](#) para extrair a informação das fontes para o artigo. Cobertura significativa implica que a fonte cita o tema de forma mais do que trivial, mas não obriga a que se debruce sobre ele exclusivamente. Por exemplo,

a simples menção de uma banda pop na biografia de um político não pode ser considerada cobertura substantiva, mas um artigo num jornal sobre um festival pop onde, entre outros, se dedicam vários parágrafos a uma banda pop pode ser aceite como contribuindo para a notoriedade dessa banda, e logo, para a sua aptidão enciclopédica. Do mesmo modo, a menção do tema num diretório ou numa lista não é suficiente para que esta seja considerada notoriedade para ter um artigo na Wikipédia.

- «*Fontes*»: por ser uma palavra no plural, entende-se que seja [mais de uma fonte](#), ou seja, ao menos duas fontes diferentes. Múltiplas fontes do mesmo autor ou organização são consideradas como uma fonte para estabelecer a notoriedade.

- «*Reputadas*»: as fontes utilizadas devem ser editorialmente íntegras e honestas de forma a permitir que sejam cumpridas as políticas de [fontes confiáveis](#), [verificabilidade](#) e [nada de pesquisa inédita](#). As fontes poderão incluir material publicado em todas os tipos de suporte (papel, tv, rádio, internet, etc.), e a existência de um grande número de fontes secundárias referindo o tema do artigo é um bom indicador de notoriedade.

- «*Independentes*»: as fontes citadas não estão diretamente relacionadas com o tema do artigo, ou seja, que é uma “terceira parte” a escrever, permitindo respeitar completamente a política de [imparcialidade](#). Não são consideradas [fontes independentes](#), por exemplo, autobiografias, publicidade, comunicados de imprensa (press releases) ou outras escritas pelo fabricante, criador, autor, inventor ou vendedor de um produto ou serviço. O melhor barómetro para avaliar a notoriedade de um tema é a existência de pessoas independentes que o consideraram tão importante que investigaram, escreveram e publicaram elas próprias trabalhos sobre essa temática. └

Por exemplo, se o objetivo for criar um artigo sobre uma escritora, é preciso ter fontes confiáveis — notícias, artigos académicos ou livros, entre outras — que falem sobre ela. Contudo, isso não garante que ela seja uma escritora relevante. Para cumprir adequadamente o critério de relevância, é necessário que a pessoa tenha uma trajetória e seja reconhecida por ela. Se essa escritora hipotética publicou apenas um livro, e por conta desta publicação ela apareceu em vários meios de comunicação dando entrevistas, significa que há fontes para escrever a sua biografia. Porém, mesmo assim, ela não cumpre o critério de relevância porque ainda não tem uma trajetória como escritora que lhe abra as portas para fazer

parte do mundo enciclopédico. Embora o critério de trajetória busque fortalecer a enciclopédia, criando uma hierarquia que permita que as informações sejam organizadas e selecionadas, ele possui algumas complexidades que exigem reflexão.

Ocorre que, no caso de identidades e comunidades que foram invisibilizadas ao longo da história, as publicações sobre pessoas importantes para essas comunidades muitas das vezes são escassas. Em alguns casos, não há sequer uma única publicação. Talvez seja possível encontrar alguma notícia que fale sobre a contribuição feita por uma ativista LGBTQIAP+, porém não é possível reconstruir a sua trajetória porque não há fontes suficientes que recuperem suas contribuições e demonstrem seu lugar na história do ativismo.

Por exemplo, se alguém quisesse criar a biografia de Karina Urbina na Wikipédia, teria dificuldade de rastrear informações publicadas sobre a vida dessa ativista transexual da Argentina. Karina Urbina foi fundadora da organização *Transexuais pelo Direito à Vida e à Identidade (TransDeVI)* e teve um papel significativo no decorrer do debate público sobre a Lei de Identidade de Gênero na Argentina, entre outras ações enquanto ativista.



Karina Urbina em manifestação em frente ao Palácio de Tribunales. Fotografia para o Diário Crónica de 10 de setembro de 1991, BNMM. Autor desconhecido. Domínio público.

No entanto, não é fácil encontrar fontes e referências que reúnam sua trajetória como ativista. Isto acontece porque a nível social existe, e persiste, um silenciamento em torno de certas vidas e de certos ativismos, razão pela qual não se escreve sobre eles. E, como a Wikipédia exige fontes confiáveis e publicadas para respaldar a criação dos artigos, a falta de fontes impõe barreiras à comunidade wikimedista para visibilizar e dar voz às pessoas e comunidades invisibilizadas.

Então, **o que fazer em relação aos critérios de relevância e às lacunas existentes?** Por um lado, há uma tensão entre os critérios construídos para definir a relevância de um assunto ou pessoa e os diferentes vieses com que se narra a história e se constrói o conhecimento. Vale a pena refletir sobre as tensões que perpassam a noção de relevância, que se articula em torno de uma certa concepção de reconhecimento. É importante pensar como os vieses sociais e epistemológicos moldam as noções de relevância e reconhecimento, e como isso se traduz em vieses nos critérios de construção de artigos da enciclopédia. O que acontece com as comunidades e os grupos minorizados sob essa noção de relevância? Que reconhecimento a comunidade trans pode ter em uma sociedade transfóbica? Como incorporar na enciclopédia livre as vozes historicamente e socialmente silenciadas? São perguntas que estimulam a reflexão no interior da comunidade wikimedista, mas também na sociedade de forma geral.

Há pelo menos duas formas de começar a diminuir as lacunas respeitando o acordo de relevância enciclopédica existente e a exigência de fontes de informação publicadas para a criação de biografias. Primeiro, caso se deseje criar a biografia de uma pessoa e existam fontes válidas suficientes para isso, é possível mencionar a pessoa em outros artigos e [criar uma ligação vermelha](#) para indicar que essa biografia não existe na Wikipédia, mas que deveria existir. Dessa forma, qualquer wikimedista poderá assumir a tarefa de criá-la a partir da ligação vermelha. Segundo, você mesmo pode criar conteúdo de referência sobre a pessoa que quer biografar e publicá-lo. Por exemplo, você pode fazer entrevistas com pessoas próximas a ela ou especialistas para atenuar as lacunas de informação sobre essa pessoa na Internet. O caminho é longo, mas necessário para resgatar as vozes e as experiências das pessoas e comunidades que têm uma história de invisibilização. Vale a pena dar voz à comunidade LGBTQIAP+ na internet, que também é um lugar de luta por direitos.

Para saber mais...

Para aprofundar sobre a disparidade de gênero na Wikipédia, recomenda-se a leitura da matéria *A vida e a morte de Marielle Franco na Wikipédia* escrita por Adele Vrana e publicada no blog da organização *WhoseKnowledge?*. O artigo trata do caso de Marielle Franco, uma política feminista, lésbica, negra e nascida em uma favela, e da inclusão de sua biografia na enciclopédia livre da Internet. Você pode ler a nota [neste link](#).



Fontes de informação e referências sobre pessoas LGBTQIAP+

Ao escrever sobre pessoas trans, travestis e LGBTQIAP+ na Wikipédia, é fundamental entender como se estrutura a informação e como se confere verificabilidade e solidez a um verbete para que ele possa fazer parte da enciclopédia livre. Quando quiser escrever sobre um tema ou uma pessoa, o primeiro passo é buscar fontes de informação que permitam fazer uma síntese que dê conta da relevância do tema ou da pessoa. Nesse sentido, algumas dificuldades concretas se apresentam para reconstruir a história da comunidade e das pessoas LGBTQIAP+.

As referências e a verificabilidade da informação

As referências são uma das partes centrais da Wikipédia. Isso acontece porque elas são os elementos que permitem apoiar e verificar a informação presente no artigo. À medida que se percorre o conteúdo de um artigo, aparecem números (semelhantes a uma nota de rodapé) que indicam a fonte original desta informação. Ao final de cada artigo, existe a seção “Referências” ou “Bibliografia”, que engloba a lista de todas as fontes utilizadas para fundamentar as informações contidas no artigo.

Como já mencionado, a Wikipédia é uma fonte terciária. Isso significa que nada do que se lê na enciclopédia é conteúdo original, mas sim que foi retirado de outras fontes de informação, embora reelaborado pelas pessoas que escrevem a enciclopédia. Quem quiser contribuir com conteúdo precisa demonstrar de onde tirou esse conteúdo, pois é sempre necessário citar a fonte ao escrever na Wikipédia.

Contudo, é importante ter em mente que não é possível usar qualquer fonte como referência de informação fiável dentro da enciclopédia. As fontes devem dispor de meios de verificação da informação que garantam a sua fiabilidade e veracidade. Assim, as seguintes fontes podem ser usadas como referência na Wikipédia:

- Livros publicados, seja em formato digital ou em papel.
- Publicações e revistas acadêmicas.
- Páginas web oficiais.
- Matérias de jornais, em formato digital ou em papel

Cabe esclarecer que na Wikipédia não se considera redes sociais ou blogs pessoais como fontes confiáveis de informação. No caso de redes sociais, exceções são feitas se for uma conta oficial de um órgão público, fundação ou instituição. Contudo, não é permitido recorrer a contas pessoais em redes sociais para validar informação. Caso queira saber mais sobre este assunto, [neste link](#) você encontra uma série de fontes que não são consideradas confiáveis.

Algumas possíveis fontes de informação

Embora haja uma lacuna na cobertura e produção de conhecimento sobre a história da comunidade LGBTQIAP+ — de seus processos e marcos históricos, de suas organizações, de seus lugares emblemáticos e das pessoas de referência —, existem algumas fontes fiáveis e outros recursos que nos permitem realizar pesquisas online para rastrear referências válidas e verificáveis.

São várias as iniciativas da comunidade LGBTQIAP+ ligadas à recuperação de sua memória. Algumas delas se inscrevem em uma esfera institucional e outras são produto de um exercício colaborativo de natureza ativista. Os arquivos da comunidade LGBTQIAP+ são particularmente valiosos para a obtenção de informações que nos permitam reconstruir a vida de pessoas trans, travestis e LGBTQIAP+. Não obstante, é preciso considerar que essas são fontes primárias. Em outras palavras, para escrever um artigo na Wikipédia, que precisa ser baseado principalmente em fontes secundárias, os arquivos LGBTQIAP+ ajudam na obtenção de imagens e também de referências, mas devem ser balanceados com fontes secundárias. Na sequência estão alguns exemplos de arquivos que podem ser úteis na hora de escrever uma biografia:

Archivo de la Memoria Trans

(Argentina)

O [Archivo de la Memoria Trans](#) (AMT) é um projeto que busca proteger, construir e reivindicar a memória trans na Argentina. Reúne materiais audiovisuais como fotos, vídeos e recortes de jornais. A coleção, que tem peças que vão do início do século XX até a década de 1990, foi formada graças a doações de pessoas trans, de seus familiares e amigos.

archivotrans.ar

Percorrer o material coletado e disponível online do AMT é uma porta de entrada para conhecer ativistas da comunidade trans-travesti argentina e rastrear possíveis fontes de informação. Ao mesmo tempo, a [AMT tem uma categoria no Wikimedia Commons](#), dentro da qual existem imagens que podem servir para ilustrar artigos na enciclopédia livre.

[https://w.wiki/59r\\$](https://w.wiki/59r$)

Archivo Sociedades en Movimiento

(Uruguay)

O [Archivo Sociedades en Movimiento](#) tem uma seção dedicada à história do movimento pela diversidade sexual no Uruguai, que abrange desde a década de 1980 até o século XXI.

Arquivo de Identidade Angolano

(Angola)

O [Arquivo de Identidade Angolano](http://www.arquivodeidentidadeangolano.com) é formado por um grupo de mulheres feministas LBTIQ+ angolanas, criado em 2017, com uma proposta interseccional. O grupo tem como missão a mudança de mentalidade com relação ao gênero e à sexualidade para que as comunidades LBTIQ+ tenham acesso a espaços políticos e aos seus direitos. O Arquivo possui diferentes projetos de conteúdos sobre a temática proposta, como a *Kutunga - Biblioteca Queer, No Cubico, Hora de dar a cara* e *Formações sobre gênero e sexualidade*.

www.arquivodeidentidadeangolano.com

Grupo Dignidade

(Brasil)

O [Grupo Dignidade](http://grupodignidade.org.br) é uma organização brasileira não governamental, sem fins lucrativos, fundada em 1992, que visa promover a cidadania LGBT. Mantém o Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott que disponibiliza [acervo digital](http://cedoc.grupodignidade.org.br) de conteúdo ligado à temática.

grupodignidade.org.br

cedoc.grupodignidade.org.br

Lesbian Herstory Archives

(Estados Unidos)

O [Lesbian Herstory Archives](http://lesbianherstoryarchives.org) foi fundado em 1974 e tem uma longa trajetória de recuperação da história da comunidade lésbica e de seu ativismo nos Estados Unidos. Conta com recursos digitalizados para facilitar a consulta dos materiais coletados.

lesbianherstoryarchives.org

Maricoteca

(América Latina)

A [Maricoteca](https://maricoteca.org) é um arquivo e repositório digital que coleta informações e materiais sobre artistas LGBTQIAP+ da América Latina. Reúne materiais audiovisuais acompanhados de breves biografias dos e das artistas. maricoteca.org

Programa Sexo y Revolución del CeDInCI

(Argentina)

O [Programa Sexo y Revolución del CeDInCI](https://cedinci.org/sexo-y-revolucion) reúne uma grande quantidade de material documental vinculado aos movimentos sociais de mulheres, feminismos e ativismos pela diversidade sexual na Argentina. O programa busca dar visibilidade ao material documental e preservar a memória desses movimentos. [cedinci.org
sexo-y-revolucion](https://cedinci.org/sexo-y-revolucion)

Também existem **meios de comunicação especializados** com cobertura respeitosa de temáticas LGBTQIAP+. Conhecê-los permite ter acesso a notícias e matérias que podem servir como referências válidas para escrever sobre alguém (ou sobre um processo histórico ou lugar) na Wikipédia.

Alguns deles são:

Agencia de noticias sobre diversidad sexual

(México)

A [Agencia de noticias sobre diversidad sexual \(Anodis\)](https://anodis.org) é um portal que reúne notícias, opiniões e análises de peças jornalísticas sobre a comunidade LGBTQIAP+ no México. Atua há 19 anos promovendo

a participação das novas gerações no fortalecimento da opinião pública sobre a comunidade LGBTQIAP+.

Agencia Presentes (América Latina)

[Agencia Presentes](http://agenciapresentes.org) é um meio de comunicação feminista latino-americano que trabalha com a perspectiva dos direitos humanos. Realiza coberturas especializadas em questões LGBTQIAP+, mulheres indígenas e migrantes, visando aumentar o impacto da cobertura dos meios de comunicação e contribuir para a liberdade de expressão na América Latina. agenciapresentes.org

Alharaca (El Salvador)

[Alharaca](http://www.alharaca.sv) é um meio de comunicação feminista que trabalha de forma colaborativa em El Salvador. Além de cobrir notícias da atualidade, realiza pesquisas e reportagens temáticas especiais. Entre suas linhas de trabalho estão a situação e os direitos das pessoas LGBTQIAP+. www.alharaca.sv

Associação Íris (Angola)

A [Associação Íris](#), fundada em 2013 na Angola, busca garantir a defesa dos direitos das minorias sexuais e o desenvolvimento da comunidade, com atividades voltadas para a questão do acesso aos serviços de saúde e tratamento adequado e respeitoso com a comunidade LGBT.

Clube Safo (Portugal)

O [Clube Safo](#) se constituiu em 1996 em Aveiro, Portugal, pela iniciativa de mulheres lésbicas que perceberam a urgência da criação de um espaço de diálogo, partilha e reivindicação. O Clube Safo produz o boletim [Zona Livre](#), um meio de comunicação e partilha de ideias no campo político, reivindicativo e cultural do movimento LGBT em Portugal. [clubesafo.pt](#)

Dezanove (Portugal)

O [Dezanove](#) é um portal de notícias e eventos que busca situar o dia a dia LGBT em Portugal e internacionalmente. Dezanove é o número do artigo da Declaração Universal de Direitos Humanos que diz que todo o ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão, mas também de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios. [dezanove.pt](#)

Moléculas Malucas (Argentina)

[Moléculas Malucas](#) é uma revista em formato digital da Argentina que publica artigos relacionados à memória do movimento queer. É um projeto cultural autogerido. [moleculasmalucas.com](#)

Periódicas (El Salvador)

[Periódicas](#) é um meio de comunicação autogerido e transfeminista de Santa Fé, Argentina. É especializado em coberturas jornalísticas de questões LGBTQIAP+ e sobre mulheres. [periodicas.com.ar](#)

Pikara

(Espanha)

A revista espanhola [Pikara Magazine](http://pikaramagazine.com) realiza um jornalismo comprometido com a comunidade LGBTQIAP+ e com as mulheres a partir de uma perspectiva feminista e de busca de direitos.

pikaramagazine.com

Revista Híbrida

(Brasil)

A [Revista Híbrida](http://revistahibrida.com.br) é uma revista brasileira em formato digital criada pelo e para o público LGBTQIAP+ de forma colaborativa, independente e autônoma que tem como objetivo servir como uma plataforma para celebrar as nuances, as particularidades, as conquistas, os ícones e as lutas da comunidade.

revistahibrida.com.br

USP Diversidade

(Brasil)

O [USP Diversidade](http://www5.usp.br/tag/usp-diversidade/) é um programa da Universidade de São Paulo, no Brasil, que tem como objetivo desenvolver ações que estimulem a igualdade, a solidariedade, a promoção, a inclusão e o respeito aos direitos humanos. Possui um repositório digital com produção acadêmica sobre diversidade e direitos humanos.

www5.usp.br/tag/usp-diversidade/

Volcánicas

(América Latina)

[Volcánicas](http://volcanicas.com) é uma revista feminista com foco especial na comunidade LGBTQIAP+ e mulheres da América Latina e Caribe.

volcanicas.com

Notícias e matérias jornalísticas são fontes secundárias que permitirão a criação de biografias, assim como artigos acadêmicos e livros. Além disso, também poderão ser utilizados como fontes de pesquisa **sites institucionais**, como os seguintes:

→ **ABGLT**
(Brasil)

A [Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexuais](http://abgl.org) (ABGLT) atua desde 1995 na defesa dos direitos da comunidade LGBTQIAP+ e possui um arquivo e uma biblioteca especializados no tema. abgl.org

→ **ANTRA**
(Brasil)

A [Associação Nacional de Travestis e Transexuais](http://antrabrasil.org) (ANTRA) do Brasil desenvolve ações para promoção da cidadania das pessoas travestis e transexuais e disponibiliza materiais informativos relacionados. antrabrasil.org

→ **FALGTB**
(Argentina)

A [Federación Argentina LGBT](http://falgbt.org/) (FALGTB) é uma organização federal que opera no âmbito dos direitos humanos e zela pela aquisição e garantia dos direitos da comunidade LGBTQIAP+. falgbt.org/

→ **FELGTBI+**
(Espanha)

A [Federación Estatal de Lesbianas, Gais, Trans, Bissexuales, Intersexuales y más](http://felgtb.org/) (FELGTBI+) é uma ONG estatal espanhola que reúne diferentes entidades LGBTQIAP+ com o intuito de produzir recursos atuais sobre questões LGBTQIAP+, como relatórios e pesquisas. felgtb.org/

→ **ILGA**

(Internacional)

A [Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexuais](http://ilga.org/es) (ILGA World) é uma federação global dedicada à defesa dos direitos humanos das pessoas LGBTQIAP+. Oferece informações sobre a situação desta comunidade. ilga.org/es

→ **Movilh**

(Chile)

O [Movimiento de Integración y Liberación Homosexual](http://movilh.cl) (Movilh) é uma organização que defende os direitos humanos da comunidade LGBTQIAP+ no Chile e rastreia as notícias atuais da comunidade LGBTQIAP+. movilh.cl

→ **Rede Ex Aequo**

(Portugal)

A [Rede ex aequo](http://rea.pt) é uma rede de apoio, quebra de isolamento e ativismo para jovens lésbicas, gays, bissexuais, trans, intersexo e apoiantes entre os 16 e os 30 anos, sediada em Lisboa, Portugal. Foi criada em 2003 tendo como objetivos centrais o apoio à juventude LGBTI e à difusão de informações sobre orientação sexual, identidade e expressão de gênero e características sexuais. rea.pt

→ **Rede Trans Brasil**

(Brasil)

A [Rede Trans Brasil](http://redetransbrasil.org.br) atua desde 2009 representando pessoas travestis e transexuais do Brasil e coloca-se como instrumento de expressão da luta pela garantia dos direitos dessas pessoas. Promove workshops à nível nacional para discussão da temática e disponibiliza material informativo, além de monitorar casos de violência, assassinato e suicídio dessa população.

→ TransMissão (Brasil)

A [TransMissão](#) é uma associação de pessoas trans e não-binárias em defesa de direitos e da autodeterminação de suas identidades e corpos. Neste contexto, a associação se posiciona contra a patologização das identidades trans, contra o policiamento de identidades e expressões de gênero e a favor da liberdade de identidade e expressão de gênero para todas as pessoas.

transmissao-atnb.com



<https://encuestas.wikimedia.org.ar>

Se você conhece arquivos, meios de comunicação, organizações ou portais de informação sobre a comunidade LGBTQIAP+ de diferentes partes do mundo, pode inseri-los [neste formulário](#) e ajudar na construção colaborativa de um amplo material de possíveis referências para escrever na Wikipédia.

→ Dificuldades de acesso a fontes de informação sobre pessoas LGBTQIAP+

Na hora de escrever sobre pessoas LGBTQIAP+ na Wikipédia (mas não apenas nela) é provável que apareçam algumas dificuldades que são produto da história de invisibilização e silenciamento da comunidade. No caso de pessoas trans e travestis, essas barreiras tomam uma proporção ainda maior e, portanto, gerar conteúdo sobre as vidas trans e travestis exige um compromisso com a produção de fontes e de referências de qualidade.

Em muitos casos, a maior fonte de informação sobre a vida das pessoas LGBTQIAP+ é o registro oral. Isso é especialmente verdade nos casos em que pessoas LGBTQIAP+ foram relevantes para a sociedade como ativistas pelos direitos LGBTQIAP+. Em outras palavras, a vida de pessoas trans, travestis e LGBTQIAP+ é conhecida através dos **relatos de pessoas que as conhecem (ou as conheceram) e compartilharam com elas experiências e ações ativistas**. Quando se trata de pessoas LGBTQIAP+ que ganharam relevância social devido à sua produção artística ou atividade profissional, é mais provável que hoje em dia encontremos informações sobre suas trajetórias, principalmente no caso de lésbicas, gays e pessoas bissexuais.



Embora a oralidade seja uma fonte útil, ela não pode ser utilizada como referência para criar biografias na Wikipédia. A oralidade mostra suas próprias limitações, pois é importante compreender que se trata de um registro trançado na urdidura da memória. Se for possível ter acesso a um relato oral sobre a pessoa que se quer biografar, é possível transformar esse relato em um depoimento jornalístico. Desta forma, constrói-se uma fonte fiel e organizada, que poderá ser citada como referência na Wikipédia.

Além disso, outros materiais podem ser utilizados para reforçar o depoimento sobre vidas LGBTQIAP+ que não foram narradas nas mídias, por exemplo,. As vidas trans, travestis e LGBTQIAP+ são frequentemente marcadas pela criminalização, então é provável que os rastros dessas vidas sejam encontrados (lamentavelmente) em registros policiais de detenções sob códigos de contravenção. Materiais fotográficos ou audiovisuais, documentos de identidade, passagens aéreas, cartas, flyers de teatro, cabarés e casas noturnas também podem ser úteis. Embora esses elementos não tenham lugar central na construção do relato sobre uma pessoa, eles podem conferir veracidade e força ao registro oral. Nesse sentido, a aliança com jornalistas interessados na reconstrução da história das pessoas LGBTQIAP+ é uma chave que abre a possibilidade de escrita de matérias sobre ativistas e outras personalidades que deram vasta contribuição para a conquista dos direitos civis da comunidade.

Essa questão é particularmente significativa ao criar fontes que sirvam de base para a escrita das biografias inexistentes na Wikipédia, mas também é importante para ilustrar artigos existentes. Em muitos casos é difícil encontrar imagens disponíveis em domínio público ou sob licenças abertas para ilustrar os artigos sobre a comunidade trans, travesti e LGBTQIAP+. Em resposta a esta ausência, pode-se, por exemplo, recorrer a um retrato criado por um artista plástico ou uma artista plástica que concorde em disponibilizar a sua obra em domínio público ou sob licenças abertas, mas isso nem sempre é possível.

Pouco ou nenhum registro fotográfico ou audiovisual

A maioria das fotografias e dos vídeos disponíveis de pessoas trans e travestis são documentos de natureza privada, familiar ou de círculos sociais próximos às pessoas em questão. Isso também pode ocorrer quando estamos tentando escrever sobre um ativista lésbico ou gay que não obteve notoriedade na mídia durante seu ativismo.



Em certos casos, esses materiais apresentam problemas. Por exemplo, os parentes diretos da pessoa LGBTQIAP+, em caso de falecimento desta, podem não querer divulgar nenhuma informação sobre a vida da pessoa. Isso ocorre principalmente nos casos em que a relação com o ambiente familiar do indivíduo foi marcada por práticas discriminatórias em relação à orientação sexual e identidade de gênero da pessoa investigada.

Outro possível impedimento acontece quando os registros possuem um valor emocional que impede o acesso a eles, mesmo que temporariamente para reprodução. Por exemplo, se for uma fotografia muito estimada por uma amiga ou colega ativista da pessoa que se almeja biografar. Nesses casos, é importante compreender e esclarecer que as fotografias pertencentes a amigos e familiares são, em muitos casos, a única evidência da existência de uma importante ativista ou pessoa LGBTQIAP+.

Também existe a possibilidade de que determinados registros decorrentes de círculos sociais mais amplos (como grupos ativistas, registros públicos, arquivos jornalísticos, etc.) sejam divulgados em momento oportuno, diferentemente dos provenientes de círculos privados, embora em alguns casos o seu uso e divulgação seja limitado pela legislação sobre direitos de imagem.³ Por tudo isso, é importante incentivar as ações de registro imagético pelos coletivos trans e travestis, em particular e LGBTQIAP+ de forma geral. Ter imagens de mobilizações, eventos, ações culturais, assim como de retratos⁴ que possam ser usadas para escrever biografias de pessoas trans é crucial para dar visibilidade a esse coletivo na enciclopédia.

Registros fotográficos ou audiovisuais sensíveis de pessoas trans ou travestis

É importante considerar que quando se trabalha com registros fotográficos e audiovisuais de pessoas trans há, pelo menos, duas arestas problemáticas que devem ser consideradas: os registros anteriores à transição da pessoa e os registros fotográficos policiais.

No caso de materiais audiovisuais anteriores à transição, cabe considerar que se trata de registros que podem não representar a identidade da pessoa biografada. Nesse sentido, é necessário pensar sobre o uso desta imagem e quais efeitos esse registro pode ter na biografia da pessoa que se está pesquisando.

Quando se tratam de imagens captadas com fins persecutórios, como é o caso dos registros fotográficos policiais, é preciso pensar a mesma coisa: com que finalidade uma imagem deste tipo está sendo usada? Às vezes, não se trata apenas de registros policiais, mas também de imagens jornalísticas que

[4] A legislação sobre direito autoral tende a ser ligeiramente diferente em cada país. Saiba mais em: https://commons.wikimedia.org/wiki/Commons:Copyright_rules_by_territory/pt.

[5] Ao retratar uma pessoa, é importante seguir um conjunto de boas práticas para respeitar o consentimento da pessoa a ser retratada. Idealmente, é recomendável perguntar à pessoa se ela deseja ser retratada. Isso é particularmente importante ao retratar uma pessoa que vive uma identidade de gênero dissidente, a fim de evitar expô-la. É provável que não saibamos se a pessoa em questão leva uma vida pública e privada sob a identidade política que adota (por exemplo, talvez sua família não saiba que ela se identifica como parte da comunidade LGBTQIAP+).

minorizam e criminalizam. É preciso refletir sobre o uso adequado, necessário ou desnecessário dessas imagens para ilustrar uma biografia, pensar se esse registro é pertinente para a construção da narrativa biográfica.



Na construção de um relato, por exemplo, sobre a perseguição de pessoas trans durante a vigência dos códigos de contravenção e decretos policiais que penalizavam a prostituição e o travestismo, o uso de imagens de pessoas trans em contextos de privação de liberdade pode fazer sentido. Por outro lado, usar essa mesma imagem, por exemplo, em um artigo sobre a definição de “travestismo” ou “pessoa trans”, sem contextualização ou referência explícita à violência institucional, apenas perpetua a ideia de que pessoas trans só têm narrativas importantes atravessadas pela violência.

Biografias de pessoas LGBTQIAP+: ferramentas e habilidades de escrita

Ao escrever sobre pessoas LGBTQIAP+, é particularmente importante contar com algumas ferramentas conceituais. Aprender a nomear e narrar vidas LGBTQIAP+ é um gesto de reparação para um grupo historicamente silenciado. Em outras palavras, as diferenças nas escolhas fundamentais da comunidade LGBTQIAP+ foram apagadas, invisibilizadas ou, pior ainda, marcadas como incorretas, prejudiciais, imorais, anormais, patológicas e até criminosas. É importante levar em conta a história por trás das vidas LGBTQIAP+ e prestar muita atenção para não repetir essas narrativas discriminatórias, mas, ao contrário, recuperar e visibilizar as potências dessas vidas e experiências. Aprender a escrever sobre vidas LGBTQIAP+ é aprender a identificar e apreciar as diferenças.

Nesse sentido, escrever sobre pessoas LGBTQIAP+ significa contribuir para a criação de narrativas e relatos que recuperem a memória do coletivo. Para construir relatos e biografias de forma responsável é preciso acabar com a ambiguidade de certos conceitos e ter clareza teórica sobre o que está em jogo quando falamos de pessoas LGBTQIAP+.

Identidade de gênero e orientação sexo-afetiva

Compreender o que é identidade de gênero e aprender a diferenciá-la da orientação sexo-afetiva é uma questão elementar ao escrever sobre pessoas LGBTQIAP+.

A [identidade de gênero](#) de uma pessoa é a vivência interna que cada pessoa tem em relação ao seu gênero. Essa vivência pode corresponder ao gênero atribuído no nascimento ou não. Por exemplo, se ao nascer, um bebê foi identificado como homem com base no sexo de seu corpo e esse é o gênero com o qual essa pessoa se percebe depois, então ela é uma pessoa [cisgênero](#). Por outro lado, se ao nascer o bebê foi identificado e registrado como homem, mas essa pessoa não se identifica com esse gênero, então esta é uma pessoa [transgênero](#). Esta é uma breve definição de ambas as categorias, que podem ser complexificadas a partir da vivência em uma sociedade cissexual.

<https://wwiki/7ush>

<https://wwiki/7usj>

A palavra “[trans](#)” é uma abreviação que funciona como um termo guarda-chuva para as identidades transgêneros, transexuais, travestis, não-binárias e de gênero fluido, entre outras. Também existe a perspectiva que busca romper com o binarismo, que por vezes funciona como pressuposto de fundo entre as categorias cis e trans, e utiliza os conceitos de transmasculinidades e transfeminilidades, ou masculinidades e feminilidades trans.



Transgênero: se refere às pessoas que têm uma identidade de gênero que difere do sexo que lhes foi atribuído no nascimento.

Transexual: pessoas transgênero que optam por intervenções médicas para fazer a transição de um sexo para outro se identificam como transexuais.

Travesti: é uma construção identitária dentro do espectro trans localizada na América Latina, que inicialmente correspondia a um conjunto de feminilidades que não pertencia ao que era socialmente percebido como mulher, mas por extensão se popularizou entre outros grupos.

Pessoas não binárias: são as pessoas que não fazem parte do binário de gênero masculino/feminino e expressam um gênero diferente do que é socialmente considerado masculino ou feminino.

Pessoas de gênero fluído: se refere às pessoas que têm uma vivência de gênero fluída, ou seja, não se identificam com um determinado gênero, conquanto sua vivência pode variar.

<https://w.wiki/7mwV>

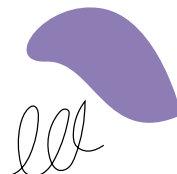
A orientação sexo-afetiva, comumente chamada de [orientação sexual](#), é um conceito que se refere à possibilidade de sentir afeto e desejo sexual por um ou mais gêneros.

A concepção mais tradicional de orientação sexo-afetiva estabelece duas orientações possíveis: a heterossexualidade (sentir afeto e desejo sexual por pessoas do sexo oposto ao atribuído ao nascer) e a homossexualidade (sentir afeto e desejo sexual por pessoas do mesmo sexo que o atribuído ao nascer).

No entanto, a verdade é que esse modo de pensar o afeto e o desejo sexual não descreve a multiplicidade de formas de afeição e desejo, pois reconhece apenas dois tipos de orientações e as ancora em uma perspectiva biologicista. No século XXI, o afeto e o desejo sexual são pensados em um amplo espectro, contendo múltiplas possibilidades que não são estáticas, mas que podem sofrer mutações e até combinarem-se entre si.

Por outro lado, é importante compreender que as orientações sexo-afetivas têm uma história e estão enraizadas no campo político, dentro do que se chama de “[políticas identitárias](https://w.wiki/7mwY)”. No âmbito de uma estratégia política identitária, pessoas não heterossexuais nem cissexuais realizam ações de visibilização de suas experiências de vida e de denúncia em relação à discriminação e estigmatização em identidades sexo-genéricas, como podem ser a gay, lésbica, bissexual, trans e travesti. A dimensão política das identidades sexo-genéricas faz parte de um processo histórico na luta pelos direitos da comunidade LGBTQIAP+, e uma resposta aos gestos de apagamento, minorização e criminalização da comunidade.

<https://w.wiki/7mwY>



Algumas das múltiplas orientações sexo-afetivas são:

Lésbicas: é tanto uma orientação sexo-afetiva quanto uma identidade política. Fundamentalmente, refere-se a mulheres e feminilidades cis e trans que possuem vínculos sexo-afetivos com outras feminilidades. Em diferentes regiões, o termo “lésbica” teve diferentes significados, e na América Latina, por exemplo, também é considerado como uma identidade política.

Gays: Também se trata de uma orientação sexual e afetiva que, em algumas regiões, se tornou uma identidade política. Em geral, “gay” refere-se a homens e masculinidades cis e trans e suas relações sexuais e afetivas com outras masculinidades.

Bissexuais: Refere-se ao universo de possibilidades de se relacionar sexual e afetivamente com outras pessoas, independentemente do gênero delas.

Algumas reflexões em torno das orientações sexuais e identidades gays e lésbicas

Ao longo da história do movimento gay e lésbico encontramos diferentes formas de conceituar a experiência pessoal e política da comunidade homossexual. Em termos gerais, os movimentos LGBTQIAP+ na América Latina começaram com o ativismo pelos direitos dos homossexuais. Em alguns territórios antes de outros, o ativismo pelos direitos homossexuais contou com a presença de lésbicas, que progressivamente incorporaram e tornaram visíveis as suas reivindicações específicas. Com o passar do tempo e a construção de alianças políticas, o movi-



mento gay-lésbico foi se convertendo no movimento LGBTQIAP+.

Dependendo do momento da história da comunidade LGBTQIAP+ que olharmos, identificaremos **diferentes formas de pensar e viver a homossexualidade e o lesbianismo**. Embora muitas destas conceptualizações coexistam nas diferentes décadas da história política recente da comunidade LGBTQIAP+, a verdade é que há momentos em que certas formas de pensar a existência gay e lésbica ganharam destaque em detrimento de outras. Por exemplo, no início do movimento gay-lésbico na Argentina, estava mais presente a ideia de que ser gay ou lésbica era, principalmente, uma orientação sexual e descrevia o fato de sentir atração sexual e emocional por pessoas do mesmo sexo ou gênero. Mais tarde, à medida que o movimento LGBTQIAP+ construiu uma narrativa de identidade política, a homossexualidade e o lesbianismo começaram a ser pensados como identidades políticas, ou como traços significativos que constituem um sujeito político. Nesse sentido, surgiram diferentes referências, localizadas em territórios e momentos históricos específicos, nos quais, por exemplo, “lésbica” não é apenas uma orientação sexual, mas também uma experiência de gênero. Ou seja, existem pessoas que se consideram lésbicas, mas não se consideram mulheres. Algo semelhante acontece com os gays que se identificam como maricas na Argentina: há quem se considere *maricas*, mas não se considere homem. Estes tipos de intersecções tecem afinidades e proximidades com experiências de inconformidade de gênero, e também constroem narrativas políticas específicas e situadas. Por outro lado, a intersecção histórica entre a trajetória do movimento de mulheres e do movimento lésbico permanece existindo, e assim encontramos mulheres lésbicas que afirmam o seu lesbianismo como orientação sexual e reconhecem uma barreira específica quando se trata de narrar suas vidas



através da invisibilização das contribuições culturais, sociais e políticas das mulheres, sobrepondo-se à invisibilização lésbica.

Embora estas articulações possam ser complexas, o convite não é para deixar-se dominar pelas diferenças, mas abrir uma possibilidade de escuta e sensibilidade para uma comunidade com história própria. E assim começamos a nos perguntar **como escrever sobre vidas LGBTQIAP+** levando em conta algumas particularidades da história da comunidade LGBTQIAP+. Atualmente, não encontramos na Wikipédia um critério claro sobre como nomear a orientação sexual gay, lésbica ou bissexual de uma pessoa em sua biografia. Em alguns casos, as pessoas são categorizadas apenas como, por exemplo, “[Escritores LGBT por país](#)”, mas não há menção à sua orientação sexual no corpo do artigo. É o caso, por exemplo, de Jaime Sáenz (Bolívia), Gabriela Cabezón Cámara (Argentina) e Caridad Bravo Adams (México). Nos casos em que a orientação sexual do artista é mencionada no artigo, geralmente é porque essa pessoa vivenciou algum episódio de visibilidade devido à sua orientação sexual (declarações públicas ou escândalos midiáticos) ou, também, porque produziu uma obra que tematiza a experiência lésbica ou homossexual. É o caso de Gabriela Mistral (Chile), Chavela Vargas (México), María Galindo (Bolívia) e Cássia Eller (Brasil). É menos comum que a orientação sexual da pessoa LGBTQIAP+ biografada seja citada na introdução do artigo e, em geral, isso ocorre quando se trata de uma pessoa que foi socialmente relevante por seu ativismo pelos direitos LGBTQIAP+ como, por exemplo, Erika Kokay (Brasil), Néstor Perlongher (Argentina), Pedro Lemebel (Chile) e David Aruquipa (Bolívia). Isto deixa-nos com algumas dúvidas sobre como nomear a orientação sexual das pessoas LGB+ que são socialmente relevantes pelas suas contribuições para a arte, ciência, literatura, política e ativismo, entre outros. **Como podemos**

<https://w.wiki/7vD9>



nomear a orientação sexual de pessoas que viveram suas vidas em outras épocas e no armário? Onde fazemos isso? É através da categorização dos artigos ou deveria aparecer também no corpo dos artigos? Ou seja, o que fazemos com a orientação sexual de pessoas que não eram socialmente visíveis como gays, lésbicas ou bissexuais? Como nomear a orientação sexual de pessoas LGB+ que não tematizaram sua experiência sexual e emocional em suas obras artísticas, literárias e não-literárias? O que acontece com as orientações sexuais não heterossexuais que foram vivenciadas como algo pessoal? Como narrar a experiência gay e lésbica fora da lógica do conflito ou do escândalo midiático?

O nome e o respeito à identidade autopercebida

Uma das características que distingue as trajetórias de vida de pessoas travestis, trans e não binárias é a escolha de um nome próprio, diferente do recebido no nascimento. É provável que a pergunta sobre como nomear pessoas trans seja uma das primeiras a surgir quando se quer escrever uma biografia. Essa questão se torna particularmente sensível quando a pessoa biografada teve uma trajetória pública com o nome que lhe foi atribuído no nascimento e continuou a ser uma figura pública após sua transição.

Em alguns países há marcos legislativos que servem de referência para essa questão. Por exemplo, no caso do **Chile**, desde 2019, está em vigor a Lei nº 21.120, que reconhece e protege o direito à identidade de gênero. O **Uruguai** possui uma lei abrangente para pessoas trans (Lei nº 19.684), aprovada em 2018, que, além de proteger o direito à identidade de gênero, estabelece diretrizes para políticas públicas mais amplas, como cotas de emprego. Na **América Latina** existem vários outros países que possuem legislações que protegem o direito à identidade de gênero, como, por exemplo, a **Colômbia (2015)**, a **Bolívia (2016)**, o **Equador (2016)** e o **Peru (2016)**.

É importante ter em mente que as leis de proteção do direito à identidade de gênero estabelecem que **qualquer pessoa tem direito ao reconhecimento de sua identidade de gênero e a ser tratada de acordo com ela**. Ao mesmo tempo, indicam que nenhum tipo de intervenção cirúrgica, terapia ou tratamento é necessário para comprovar a identidade de gênero autopercebida pela pessoa. **Na Argentina, por exemplo, existe a Lei de Identidade de Gênero (Lei nº 26.743)**, que foi uma das primeiras do mundo e marcou um horizonte político. No **artigo 12**, a lei argentina estabelece as coordenadas necessárias para garantir o direito ao tratamento digno de travestis e pessoas trans. Nesse sentido, afirma que o reconhecimento da identidade de gênero não exige mudança cadastral de nome ou gênero, mas simplesmente a enunciação da pessoa.

Esses marcos legislativos são o resultado de intensos debates sociais nos quais a comunidade travesti e trans teve um papel de destaque. Nesse sentido, servem de parâmetro para entender o **alicerce básico para escrever sobre uma vida trans de forma respeitosa**. Assim, se a pessoa que estamos biografando é socialmente reconhecida sob a identidade de gênero e o nome escolhido, ao escrever sobre ela é um gesto de respeito nomeá-la da forma que ela escolheu. Se, por outro lado, a pessoa sobre quem escrevemos uma biografia teve uma vida pública anterior à sua transição, coloca-se a questão de saber se é pertinente recuperar o nome sob o qual desenvolveu essa carreira. Caso seja considerado necessário incluir o nome falecido dessa pessoa, recomenda-se fazê-lo na seção “Biografia”, e não no título do artigo ou no *lide*, ou seja, no primeiro parágrafo da Introdução.

Outra situação que merece ser pensada quando se trata do nome de pessoas trans e travestis é o que fazer caso a pessoa biografada tenha falecido antes da aprovação da legislação de proteção à identidade de gênero em seu país ou se o país em que a pessoa viveu não tem legislação que proteja seu direito à identidade de gênero. Neste caso, recomendamos respeitar e buscar respeitar o direito à identidade de gênero das pessoas, mesmo que não esteja amparado por uma lei.

Pode acontecer da pessoa biografada não ter tido apenas um nome escolhido por ela, mas vários sendo que nenhum deles foi oficialmente reconhecido. Em alguns casos, travestis e pessoas trans se tornaram conhecidas por mais de um prenome, que variava de acordo com seus

contextos afetivos ou o momento de sua vida. Isso abre um leque de possibilidades de nomeação que terão de ser contempladas de acordo com cada contexto histórico.

Os pronomes

Os pronomes pessoais com os quais as pessoas são nomeadas têm uma marca de gênero: o/a, ele/ela, dele/dela, aquele/aquela. A escolha dos pronomes a serem utilizados na biografia de uma pessoa trans, travesti ou não binária deve **partir da questão da identificação dessa pessoa com um gênero**. Essa afirmação, que parece simples, não costuma ocorrer em matérias jornalísticas que abordam vidas trans e travestis, nem em fontes bibliográficas de outros tipos.

Se surgirem dúvidas sobre qual pronome usar, pois as fontes disponíveis alternam entre um e outro pronome, é possível adotar algumas estratégias.

- Se a pessoa biografada é falecida, pode-se tentar entrar em contato com as pessoas que a conheceram. Essa informação permitirá maior aproximação com a forma como a pessoa se autopercebia e pode facilitar a construção de um relato respeitoso de sua vida.
- Se a pessoa biografada estiver viva, pode-se tentar contatá-la e perguntar com qual pronome ela se sente mais confortável.

No entanto, é importante lembrar que qualquer informação obtida a partir do registro oral não é uma referência válida para a Wikipédia, o que impede que seja citada como fonte no artigo. Neste caso se trata do uso do pronome, o que significa que basta

escolher aquele que for considerado o mais adequado e escrever na aba de discussão do artigo a motivação e o processo de pesquisa realizado que levaram à adoção do pronome.

É importante frisar que muitos meios de comunicação estão adaptando seus manuais de redação para incorporar perspectivas de gênero e diversidade sexual, o que permite ter acesso a relatos jornalísticos cuidadosos e atravessados pelas diretrizes contidas na legislação que protege a identidade de gênero das pessoas trans.

Pronomes neutros e linguagem neutra

Também existe um debate no campo da linguagem em torno do uso de pronomes pessoais neutros. Ou seja, o surgimento e uso de pronomes que buscam não impor uma marca de gênero. Uma das estratégias mais recorrentes é o uso do pronome “elu” e do “e” para marcar a flexão de gênero das palavras: “Elu é jornalista”. Essa estratégia é chamada de **“linguagem neutra”**.

Esse tipo de debate oferece uma excelente oportunidade para refletir sobre a linguagem. E isso é importante porque, além do uso e costume tradicional adquiridos, os meios de nomear carregam experiências e visões de mundo que têm sido historicamente e sistematicamente invisibilizadas ou inferiorizadas pelo androcentrismo, deixando-as à margem da construção do conhecimento da humanidade.

O debate sobre o uso da linguagem neutra ainda não chegou a um consenso, e a comunidade wikipedista também faz parte do processo social de discussão. Neste momento, a Wikipédia não permite a redação de artigos com pronomes neutros. Diante disso,

para marcar uma neutralidade ou não binaridade na escrita de biografias, existem outros caminhos possíveis que respondem ao problema sem colocar em tensão os padrões linguísticos estabelecidos na norma culta do português, como a utilização da linguagem inclusiva. Essa forma de se referir ao outro também possui o objetivo de não demarcar o gênero do discurso linguístico, mas ao invés de flexionar adjetivos, altera ou reformula frases de modo que os termos utilizados não se refiram a nenhum gênero.

Nesse sentido, é importante escrever corretamente de acordo com os critérios formais do português, mas evitando reproduzir formas sexistas de nomear e narrar. Por exemplo:

→ Podemos buscar construir um artigo sem o uso de pronomes:

Gora é uma pessoa não binária que mora na Argentina. Gora não está interessada em modificar seus dados de acordo com o decreto 476/2021, que permite que a população não binária da Argentina tenha documentos sem marca de gênero.

Gora nasceu em Cádiz, Espanha, em 27 de setembro de 1985. Estudou na escola La Compañía de María, em sua cidade natal. Kursou o Baccalaureate de Arte nessa ilha e mais tarde especializou-se em esmaltagem em metal. Aos 25 anos emigrou para Sevilha e quando retornou capacitou-se em Integração Social.

→ Podemos utilizar pronomes e determinantes sem marcas de gênero, ou suprimi-los caso isso não altere o sentido da construção frasal:

- Aquilo que foi considerado ... em vez de Aqueles que consideram ...

- Neste processo, jovens de vários países ... em vez de Neste processo, os jovens de vários países ...

→ *Em alguns casos (Wikipedista, use o bom senso!), é preferível o uso de circunlóquios. Por exemplo, no verbete “Astronauta”, encontra-se um bom uso desta estratégia:*

“A primeira pessoa a ir ao espaço em toda a história foi Yuri Gagarin”.

A criminalização e a espetacularização das pessoas LGBTQIAP+

Em termos gerais, antes dos debates públicos gerados por legislações que protegem os direitos da comunidade LGBTQIAP+, e de pessoas trans e travestis em particular - como os debates sobre casamento entre pessoas do mesmo sexo e proteção de identidade de gênero – as matérias jornalísticas sobre pessoas LGBTQIAP+ tendiam a estigmatizar e criminalizar essas vidas. Embora isso ainda aconteça, a verdade é que existem cada vez mais meios de comunicação que cobrem, de forma respeitosa, notícias sobre pessoas LGBTQIAP+, bem como trajetórias de ativistas, artistas e outras figuras públicas.

A comunidade LGBTQIAP+, em geral, e as pessoas travestis e trans, em particular, foram associadas pelo discurso jornalístico ao crime, ao desacato e à desordem social. Essa relação não é acidental e coincide com momentos históricos em que a diversidade sexual foi penalizada e perseguida pelo Estado por meio de ferramentas como códigos de contravenção e decretos policiais. Além disso, deve-se lembrar que devido à estigmatização social, boa parte das travestis e pessoas trans sobreviveram praticando o trabalho sexual, sobre o qual paira uma forte rejeição social que aprofunda o estigma.

Além da presunção da criminalidade que pesou nas vidas trans e travestis, há também um olhar que tende a exotizar essas experiências e narrá-las em tom de espetáculo. Às vezes, isso se expressa em uma superexposição da intimidade das pessoas trans ou em uma hipersexualização de seus corpos. Existem também narrativas que

“angelizam” as pessoas trans e travestis através da associação de suas existências a uma inocência ou incapacidade de autonomia.

Diante desse tipo de material, é recomendado uma postura que problematize e reflita sobre quais informações são úteis e constroem a verdade. O convite é para que se reflita sobre a forma como essa lógica atravessou as matérias jornalísticas das últimas décadas, sem perder de vista o fato de que toda informação jornalística é ancorada subjetivamente em uma conjuntura ideológica particular.




Conclusão

As reflexões e recomendações reunidas neste guia buscam oferecer ferramentas para escrever biografias de pessoas LGBTQIAP+ na Wikipédia, mas não se limitam a esse curioso universo. Partindo da percepção de que a **Wikipédia é um reflexo da sociedade**, é necessário incorporar um olhar aberto à diversidade sexual que valorize as experiências de grupos historicamente invisibilizados, no que seria um gesto de reparação. Por isso, este material é um convite para a criação de conteúdo na Wikipédia sobre pessoas LGBTQIAP+, mas também nos meios de comunicação e nas produções acadêmicas. Para diminuir as lacunas de gêneros na Wikipédia é imprescindível ter fontes confiáveis e verificáveis, dessa forma o convite é para construir conhecimento e recuperar as vozes e a história do coletivo LGBTQIAP+.

No caso da comunidade wikipedista, é importante compreender que a enciclopédia livre e colaborativa é uma das primeiras fontes de informação a que internautas recorrem ao procurar sobre algum tema ou tirar dúvidas. Isso coloca uma responsabilidade significativa nas mãos da comunidade em relação ao coletivo LGBTQIAP+ e outras experiências e identidades minorizadas. **A Wikipédia é uma fonte de referência, uma possibilidade de encontrar um reflexo e uma história que recupera a voz de pessoas LGBTQIAP+.** Isso é importante para as pessoas LGBTQIAP+, mas também para a sociedade em geral. A Internet e a Wikipédia são territórios digitais onde também se luta pelos direitos humanos.






Sobre a palavra “travesti”: algumas considerações sobre a trajetória da identidade travesti na Argentina e na América Latina

Por An Millet

O guia *Wikipédia e as biografias LGBTQIAP+* é um recurso que pode ser útil nas diferentes comunidades linguísticas do movimento Wikimedia. Por ter sido escrito na América Latina, especificamente na Argentina, faz uso de conceitos que estão localizados neste território. Visando possíveis traduções para outras línguas, mas também a compreensão das diferentes formas de nomear, a presente nota sobre a palavra “travesti” procura contextualizar a forma como travesti se tornou uma identidade reinventada pela comunidade LGBTQIAP+.



Ao longo deste guia a palavra travesti é utilizada para se referir a uma parte fundamental do coletivo LGBTQIAP+. Embora as origens do termo estejam associadas a processos de colonização e medicalização, na América Latina houve uma reapropriação e resignificação conceitual que fizeram do termo sinônimo de luta e resistência. Como sustenta Marce Butierrez (Argentina), “travesti é uma categoria política que faz sentido aqui na Argentina e no cone sul da América Latina” (Revista Anfibia, 2021), sendo difícil de entender a partir do norte global.

Encontramos os primeiros usos do termo travesti nos processos de colonização da América Latina. Depois, no início do século XX, esse conceito foi retomado pelo campo da medicina numa perspectiva exotizante e medicalizante. Esses usos permearam o tecido social e popularizaram-se associados ao opróbrio e à humilhação. Assim, por muitos anos, travesti é considerado um palavrão ou um insulto. Foi assim até à década de 1990 na Argentina, quando começaram a surgir grupos e ativistas de direitos humanos que se autodenominavam travestis para explicar a sua própria experiência identitária. Foi um gesto de apropriação do insulto, estratégia bastante conhecida pelo coletivo LGBTQIAP+. Com o passar dos anos, esse

esse uso reconceitualizado do termo ultrapassou fronteiras e se expandiu para outros países latino-americanos (Berkins, 2003).

“Ser travesti foi a melhor coisa que me aconteceu na vida”, disse Lohana Berkins (Argentina) na televisão . E explicou que o travestismo é revolucionário porque é uma identidade que rompe com o binário masculino-feminino e com a linearidade entre genitalidade e identidade de gênero: “Não sinto que sou mulher por estar maquiada e sentada assim, não, e também não sou homem por causa da minha genitalidade”. Estes discursos, verdadeiramente novos para a sua época, surgem sustentando que não existem apenas dois gêneros possíveis e eles são fundamentais para a proliferação de identidades que atualmente se apresentam fora do binarismo de gênero.



Por sua vez, a reapropriação do termo travesti representou um processo que deu conteúdo político a ele ao focar na denúncia das desigualdades sociais. Assim, a proposta do travestismo como identidade política ultrapassa os limites da identidade de gênero e propõe uma leitura de classe que funciona como uma denúncia das condições precárias a que o sistema tem empurrado histórica e sistematicamente as pessoas travestis. Claudia Rodriguez (Chile) lembra que: *“o conceito de travesti era muito marginal, muito relacionado ao crime. E foi certamente assim, foi assim porque é aí que ocorre o círculo vicioso.”* Na mesma linha, Delfina Martinez (Uruguai) afirma: *“Hoje me sinto travesti: minha identidade é travesti. Não pelo que diz a Real Academia Espanhola, mas pela resignificação mais cotidiana dessa palavra no Rio da Prata: uma pessoa marginalizada, ligada ao comércio sexual. Isso tem a ver com a falta de possibilidades.”*



A identidade travesti também é pensada por Sara Wagner York (Brasil) em suas potencialidades na educação. Ela destaca que *“seria muito fácil eu dizer*



que sou uma Professora Trans, que e sou uma mulher Trans, ou eu só sou uma mulher. Poderia fazer isso a partir da Lei de 2018, que permite retificação documental”. Mas ela prefere acionar a palavra travesti para se autodesignar enquanto professora em sala de aula pois “Quando eu chego nesses espaços e não sou eu Sara, mas qualquer corpo, ou um corpo Trans ou um corpo mais agudo nessa discussão, ou um corpo gay, um corpo lésbico, uma mulher lésbica, um homem gay... Quando esses corpos chegam em uma Escola eles causam desconforto. Por que que causa esse desconforto? Porque não existia “aquilo” até então. Então esse corpo tende a ser rechaçado, a ser retirado, até que a gente pega essa lente e diz: “Não, vamos olhar isso mais de perto, deixa eu ver aqui de perto se a gente tá normal...” E aí, como dizia o grande poeta: “De perto, ninguém é normal” Né? Ninguém é normal.”



Por outro lado, o uso do termo trans como um guarda-chuva para abranger uma ampla variedade de identidades funciona como uma estratégia política de aparente unificação de experiências. Acima de tudo, para ser utilizado em debates públicos, meios de comunicação, instituições oficiais, esferas legislativas e organizações internacionais de defesa de direitos. Este uso supõe tensões dentro dos ativismos, seja porque algumas identidades podem parecer invisíveis ou porque discordam da estratégia.

O coletivo de travestis conseguiu manter essa tensão visível e pública. No uso coloquial, na produção de documentos oficiais, em textos legislativos, etc é feita referência ao coletivo “travesti-trans”, deixando claro que as pessoas travestis não são necessariamente reconhecidas dentro do termo guarda-chuva trans.

Atualmente podemos encontrar diferentes variações do termo travesti. Lohana Berkins, por exemplo, é lembrada com muito amor e reconhecimento por dizer que tem sido uma travessura do movimento LGBTQIAP+. E certamente no futuro encontraremos outras formas que continuem a expandir as infinitas formas de ser e nomear.



Bibliografia

BARRANCOS, Dora. Géneros y sexualidades disidentes en la Argentina: de la agencia por derechos a la legislación positiva. *Cuadernos Inter.c.a.mbio sobre Centroamérica y el Caribe*, San Pedro Montes de Oca, n. 11, v. 2, p. 17-46, 2014.

BERKINS, Lohana. Un itinerario político del travestismo. In: MAFFIA, Diana (ed.). *Sexualidades migrantes: género y transgénero*. Buenos Aires: Scarlett Press, 2003. p. 127-137.

CARA, Daniel Tojeira; YORK, Sara Wagner. Entrevista com Sara York: A Travesti da/na educação. Entrevista sobre atuação e vida da professora Sara Wagner York. *Educação, Santa Maria*, v. 45, n. 1, p. e110/ 1-35, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/artic/view/58266>. Acesso em: 24 out. 2023.

INTEGRACIÓN TALLER. Ágora 2.0 - Lohana Berkins: Identidad en el siglo XXI. YouTube, 22 de março de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iSm9cqJQsBg>. Acesso em: 24 out. 2023.

KILLERMANN, S. Comprehensive* list of LGBTQ+ vocabulary definitions. *It's Pronounced Metrosexual*, 2017. Disponível em: <http://itspronouncedmetrosexual.com/2013/01/a-comprehensive-list-of-lgbtq-term-definitions>. Acesso em: 26 maio 2022.

MARTÍNEZ, Delfina. Delfina Martínez: A los cinco años ya sentía que no era un varón. [Entrevista cedida a] Sebastián Cabrera. *El País*, Montevideo, 31 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.elpais.com.uy/informacion/politica/delfina-martinez-a-los-cinco-anos-ya-sentia-que-no-era-un-varon>. Acesso em: 24 out. 2023.

PRESENTES LATAM. Entrevista a la activista trans chilena Claudia Rodríguez. YouTube, 20 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4SZxLVE7cvs>. Acesso em: 24 out. 2023.

REVISTA ANFIBIA. “¿Podemos hacer una ciencia travesti-trans?” | Marce Butierrez en Fuera de Margen #5. YouTube, 03 de dezembro de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cQ6oD6_hXGE&t=2s. Acesso em: 24 out. 2023.

TORRES ADELL, Anna. Con una sociedad machista, tenemos una Wikipédia machista. *GenderIT.org*, 8 de março de 2021. Disponível em: <https://www.genderit.org/es/feminist-talk/con-una-sociedad-machista-tenemos-una-wikipedia-machista>. Acesso em: 24 out. 2023.

WAYAR, Marlene. *Travesti: una teoría lo suficientemente buena*. Buenos Aires: Muchas Nueces, 2018.



Imagens

- Autor desconhecido. Travesti porteña 1960. 1960. Fotografia. Fondo Malva Solis. Archivo de la Memoria Trans. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Travesti_porte%C3%B1a_1960.jpg. Acesso em: 06 junho 2022.
- Autor desconhecido. Karina Urbina activista trans. 1991. Fotografia. Fondo Editorial Sarmiento. Departamento de Arquivos da Biblioteca Nacional Mariano Moreno. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Karina_Urbina_activista_trans.jpg. Acesso em: 06 junho 2022.
- Autor desconhecido. AMT Salta. 1998. Fotografia. Fondo Vanessa Sande. Archivo de la Memoria Trans. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:AMT_Salta.jpg. Acesso em: 06 junho 2022.
- CURIONI, Gisela. Aprobación cupo laboral trans-Santa Fé, Argentina. 2019. Fotografia. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Aprobaci%C3%B3n_cupo_laboral_trans-Santa_Fe_Argentina.jpg. Acesso em: 06 junho 2022.
- CURIONI, Gisela. Aprobación Cupo Laboral Trans y No Binarie Universidad Nacional del Litoral. Fotografia. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?search=UNL-+Cupo+Laboral+Trans+y+-No+Binarie&title=Special:MediaSearch&go=Ir&type=image>. Acesso em 27 outubro 2023.
- CURIONI, Gisela. Votación Ley de Aborto 2020-Sesión Diputados. 2020. Fotografia. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Votaci%C3%B3n_Ley_de_Aborto_2020_-Sesi%C3%B3n_Diputados.jpg. Acesso em: 06 junho 2022.
- GIRARDO, Agostinho. Agustina Girardo Marcha Orgullo 12. 2018. Fotografia. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Agustina_Girardo_MarchaOrgullo_12.jpg. Acesso em: 06 junho 2022.

- NICOLA, Titi. Marcha del orgullo santa fe 2018-12. 2018. Fotografia. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Marcha_del_orgullo_santa_fe_2018-12.jpg. Acesso em: 06 junho 2022.
- NICOLA, Titi. Dia de la Promoción de los Derechos de las Personas Trans Santa Fe 2019 periódicas titi nicola 22. 2019. Fotografia. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Dia_de_la_Promocion_de_los_Derechos_de_las_Personas_Trans_Santa_Fe_2019_periodicas_titi_nicola_22.jpg. Acesso em: 06 junho 2022.
- NICOLA, Titi. Banderazo trans archivo de la memoria trans 2021 titi nicola periódicas Santa Fé; Argentina 42. 2021. Fotografia. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Banderazo_trans_archivo_de_la_memoria_trans_2021_titi_nicola_periodicas_Santa_Fe;_Argentina_42.jpg. Acesso em: 06 junho 2022.
- NICOLA, Titi. Banderazo trans archivo de la memoria trans 2021 titi nicola periódicas Santa Fé; Argentina 10. 2021. Fotografia. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Banderazo_trans_archivo_de_la_memoria_trans_2021_titi_nicola_periodicas_Santa_Fe;_Argentina_10.jpg. Acesso em: 06 junho 2022.
- NICOLA, Titi. Banderazo trans archivo de la memoria trans 2021 titi nicola periódicas Santa Fé; Argentina 45. 2021. Fotografia. 2021. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Banderazo_trans_archivo_de_la_memoria_trans_2021_titi_nicola_periodicas_Santa_Fe;_Argentina_45.jpg. Acesso em: 06 junho 2022.
- ZENTNER, Tamara. Día de la Visibilidad Lésbica Santa Fé - Argentina - Tamara Zentner - 6. 2018. Fotografia. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:D%C3%ADa_de_la_Visibilidad_L%C3%A9sbica_Santa_Fe-Argentina_-_Tamara_Zentner-6.jpg. Acesso em: 06 junho 2022.

Este material foi traduzido pela equipe do Projeto Mais Teoria da História na Wiki para o português e editado no âmbito do evento Mais LGBTQIAP+ em Teoria da História na Wiki que aconteceu em 2022 e atualizado durante o Mais Diversidade em Teoria da História na Wiki, em outubro de 2023.

O Projeto é uma parceria entre a Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia (SBTHH) e o Núcleo de Estudos em Políticas da Escrita, da Memória e da Imagem (NEPEMI) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e conta com o financiamento da Fundação Wikimedia por meio do Wikimedia Community Fund. Além disso, tem como apoiadores a Associação Nacional de História (ANPUH-Brasil) e o Wiki Movimento Brasil.

Saiba mais sobre a gente:

Instagram: [@maisteoriadahistoriawiki](https://www.instagram.com/maisteoriadahistoriawiki)

Facebook: [Mais Teoria da História na Wiki](https://www.facebook.com/MaisTeoriaDaHistoriaNaWiki)

Canal no Youtube: [Mais Teoria da História na Wiki](https://www.youtube.com/c/MaisTeoriaDaHistoriaNaWiki)



WIKIMEDIA
ARGENTINA